

A palavra que constrói imagens.

A província de São Pedro no texto de A. Baguet e Arsène Isabelle.

Marília Conforto
Dra. UCS/DHIG/PPGMLCR
mc.14@terra.com.br

Resumo: O texto analisa o diário de viagem de A. Baguet viajante belga que esteve no Rio Grande do Sul no século XIX e Arsène Isabelle, francês. A análise do texto enfocará a palavra e conseqüentemente o discurso como construtor e um espaço geográfico, cultural, econômico e social da província de São Pedro pouco conhecido, dos europeus. A narrativa de Baguet e Isabelle possibilitam não só o conhecimento do outro, mas, também o mapeamento das possibilidades e exploração econômica da província.

Palavras Chave: História do Rio Grande do Sul, viajantes, literatura de viagem.

Summary: The text analyzes the daily one of trip of the Belgian travelling Baguet that was in the Rio Grande Do Sul in the century XIX and Arsène Isabelle, Frenchman. The analysis do text will focus the word consequently and the speech as constructor and geographic, cultural, economic and social a space da province of Is Peter little known, dos Europeans. The narrative of Baguet and Isabelle not only makes possible the knowledge of the other, but, also the mapping of the possibilities and economic exploration of the province.

Words Key: History of the Rio Grande Do Sul, travellers, literature of trip.

Os antigos egípcios já falavam da importância da palavra. Para eles nada poderia destruir a força de uma palavra enunciada. A leitura dos diários de viagens, correspondências, crônicas, histórias naturais e anotações permitem construir em nossa mente, a idéia do outro assim como imagens de lugares não conhecidos. Para os historiadores se configuram como fontes importantes para a pesquisa do cotidiano. Através da leitura desses diários o historiador retira dados importantes para a análise da política, economia e sociedade que seriam difíceis de serem percebidas em outras fontes históricas tais como: textos religiosos, livros de movimentação portuária, inventários, discursos políticos e etc.

Antonio Cândido, no livro **Literatura e Sociedade** ressalta que a literatura:

É, pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a a obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público, nem este é passivo, homogêneo registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termos inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo. (CÂNDIDO, 1976: 74)

A literatura de viagem representa esse sistema vivo onde as emoções e impressões do autor, também um leitor dessa realidade, que vê, decifra e tenta compreendê-la. Conhecer o Brasil do século XIX constitui-se uma aventura tal como fora o registro do achamento da terra de Vera Cruz testemunhado na carta de Pero Vaz de Caminha. Os diários de viagens e as cartas estão presentes ao longo dos tempos registrando usos e costumes de várias civilizações. É através desse tipo que as sociedades puderam traçar seus planos de conquistas e dominação de territórios até então desconhecidos. A literatura de viagem alimentou a curiosidade de europeus de várias nacionalidades sobre a possibilidade de aventuras e enriquecimento no chamado “Novo Mundo”. Terras e gentes desconhecidas, necessitando de mapeamento, organização e exploração. É um mundo novo que se descortina em oposição há uma Europa já conhecida e Ásia e África já partilhada.

Michel Foucault considera essa documentação muito importante. Não só para o pesquisador de hoje, mas para a época em que foi escrita. Segundo ele, esses documentos literários em “precisos relatos codificados da situação militar, recursos econômicos, mercados e riquezas do país visitado”. (FOUCAULT, 1979:157) O projeto de colonização manteve, sempre que foi possível, a colônia brasileira protegida do olhar

curioso de pessoas que não estivessem a serviço da Coroa. Segundo Fernando de Azevedo: “A colônia continuava estranha à revolução científica que se processava no Velho Mundo e mergulhada na espessa obscuridade em que, sob esse aspecto, se envolvia a metrópole, que estava, como toda a península, ‘fora da linha isotérmica dessa revolução’”. (HOLANDA, 1976: 119) A Revolução Industrial trouxe um outro estímulo ao grupo de homens inquietos que se aventuravam pelo mundo. A procura por novos mercados consumidores fez com que o novo mundo se tornasse novamente atrativo às viagens exploratórias. Segundo Tânia Quintaneiro:

A ênfase nas diferenças, decorrente da visão segmentada da ordem natural e social promovida pelas concepções medievais, ia aos poucos cedendo lugar a doutrinas que proclamavam a igualdade essencial entre os homens. Ao nível das idéias e atitudes, consolidavam-se a crença no progresso da humanidade e o gosto pela aventura de conhecer e de experimentar inculcado pelo romantismo desde cujo berço – a Inglaterra – projetou-se por toda a Europa o mito do herói sentimental, inquieto e impetuoso. (QUINTANEIRO,1995:14)

Sob esse aspecto é importante estabelecermos um diálogo entre os viajantes que estiveram no Rio Grande do Sul no durante o século XIX com os viajantes que estiveram, no período da colônia. Há diferenças nos registros, se analisarmos os elementos que compõem essas escrituras: o contexto, o remetente e o destinatário. A noção de mundo e de homem que se tinha, á época da colônia era diferente do século XIX. Segundo J.S. da Silva Dias, o conceito de cultura foi concebido na Idade Média. Nele, a cultura era vista como o acúmulo de saber e de formas deste saber: “o europeu habituara-se à idéia da unidade ambiental do ‘cosmos’: as mesmas crenças, a mesma mentalidade, os mesmos costumes, a mesma organização social. Essa idéia, enquanto estética cultural, afundou-se com os Descobrimentos”. (DIAS,1985:170)

Ao longo dos séculos XVIII e XIX, a Revolução Industrial, o navio a vapor as novas concepções sobre cultura, modificam a idéia das viagens. Para Quintaneiro, “aos poucos ela foi deixando de ser a marca de um temperamento curioso e original para se tornar um fenômeno mais amplo: parte de um processo controlado de aprendizagem, complemento da educação”. (QUINTANEIRO, 1985:15) O desenvolvimento científico contribuiu para essa mudança de atitude com a publicação e popularização dos trabalhos de Humboldt, Darwin e outros. Fazendo aumentar, “o fluxo de exploradores e de meros curiosos em direção às mal conhecidas terras, com o intuito de buscar comprovar novas

teorias, colher materiais para as universidades, instituições ou coleções particulares. (QUINTANEIRO,1985:16-17)

O segundo momento é quando a Família Real chega ao Brasil inaugurando um novo marco para a formação cultura científica brasileira. O período de 1808-1821 foi marcado por uma série de expedições e viagens comandadas por especialistas eminentes da Europa que esquadrinhando o espaço geográfico brasileiro, legaram aos pesquisadores contemporâneos um rico acervo sobre a flora, fauna, geografia, geologia, paleontologia e etnologia do país. Percebe-se o interesse da corte em conhecer sob o ponto de vista científico a colônia. Para os viajantes essa parte do mundo é percebida como uma grande escola onde tudo precisa ser aprendido e apreendido. É uma nova etapa da organização do paraíso descoberto, não mais em termos de colonizá-lo, mas de organizá-lo dentro dos padrões científicos que começam a ser aplicados e desenvolvidos no velho mundo.

Sandra Vasconcelos ao estudar o diário de viagem de Maria Graham definiu o texto como:

Altamente descritivo, resultado do desejo da objetividade que busca fixar o real, a uma natureza francamente impressionista. O diário, este gênero híbrido que transita entre a referencialidade e o comentário subjetivo, encena um confronto cultural entre a observadora e seu objeto, próprio do estudo etnográfico. Fruto de uma experiência de alteridade, ultrapassa os limites de uma narrativa de cunho estritamente pessoal e se inscreve em práticas e convenções tanto sociais quanto literárias. Da mesma forma que outros relatos de viagem escritos por mulheres naquela época, seu diário é um espaço de conflitos discursivos, configurando-se como parte do empreendimento colonial embora ocupasse uma posição marginal dentro dele. (VASCONCELOS, 1997:45)

O contexto, já um pouco desvelado, demonstra a preocupação com o rigor científico. É importante ressaltar que a narrativa científica não está isenta do julgamento do que se vê. Vindos de outro continente, os viajantes trazem consigo o 'olhar da comparação'. É possível criar uma identificação ou não com o objeto descrito. Isso se faz através de um código denominado: 'com/sem'. (PÊCHEAX,1975) A palavra é a ação dominadora, organizadora e classificatória do que se vê. É o que exemplifica as anotações de Baguet sobre sua impressão a respeito de Porto Alegre. Segundo ele: "Porto Alegre é uma cidade bem moderna e existe há apenas poucos anos. Sua fundação

data da época da invasão dos espanhóis, que obrigou grande parte dos habitantes a se refugiar em uma cidade chamada Viamão, onde se estabeleceu uma sede para as autoridades”. (BAGUET,1997:32) Baguet, um viajante Belga, enquadra-se no espírito do viajante que anseia por viver novas emoções, fugindo um pouco das descrições influenciadas pelo naturalismo. Nesse sentido outro questionamento é pertinente: O naturalismo que invade não só a literatura de viagem, mas, os romances poderiam limitar o discurso dos viajantes? No sentido do que só seria digno de registro aquilo que fosse de real importância para o desenvolvimento científico já descrito nas obras de Darwin e outros cientistas.

Inferimos que não é somente a cientificidade que motiva não só a viagem, mas a escritura dos diários. Há um forte componente que motiva a passagem do mundo real para o espaço do texto é ela a curiosidade sobre o outro, o desconhecido, o exótico que se traduz em grandes temas presente na narrativa de Baguet assim como a de Arsène Isabelle tais como: os costumes, as etnias, a sociedade, a economia. Essa perspectiva nos leva a um outro ponto importante para a análise que se configura na intencionalidade da descrição, há que se considerar ainda sua produção, seu objeto e sua finalidade (KALIMAN,1994:94-95). Há um lugar onde se escreve que é espaço da produção do texto. No contexto de sua produção é sempre possível à correção. As anotações que vão sendo pouco a pouco refletidas corrigidas e elaborando o texto final. O diário se constrói palavra a palavra, ou seja, é comum os parágrafos iniciarem com verbos: partimos, pernoitamos, paramos etc. Demonstrando paradas nas anotações, opiniões expressadas que são frutos de reflexão. Assim as descrições obedecem a uma interferência, uma opinião formada a partir do real que apesar de obedecerem a uma cientificidade são na verdade fruto da opinião do narrador-viajante. Essa opinião entendida como o ponto de vista do narrador-viajante, a Europa moderna, industrializada, com parâmetros científicos.

Antes de passarmos às descrições de A. Baguet e Arsène Isabelle se faz necessário uma síntese do contexto da ocupação do território gaúcho. Essa deve ser analisada dentro do projeto de colonização e exploração das terras brasileiras quando do achamento do Brasil. Um olhar mais atento nos mapas, que definem a organização espacial do Rio Grande do Sul, observamos a importância da regionalidade para a

formação do nacional como observou Ruben Oliven. (OLIVEN, apud, POZENATO,2003) Ressaltamos que a forma com que o Brasil foi organizado com vistas à exploração econômica, desde 1530 determinou uma idéia de construção de região. Essa idéia está ligada à importância de cada região para a economia colonial e depois para economia imperial. O litoral brasileiro não se mostrou, a exemplo dos metais preciosos encontrados na América Espanhola, generoso com os portugueses. Até 1530 apenas algumas poucas aglomerações, sem pretensões de um espaço urbano, foram erguidas no litoral brasileiro.

As características da produção açucareira contribuíram também para o nascimento da grande produção escravista, esta também resolveria a questão da mão-de-obra livre e a grande quantidade de terras disponíveis. Além, disso o tráfico de escravos africanos constituiu-se em um lucrativo comércio não só para portugueses como ingleses e holandeses, por exemplo. As fazendas da costa necessitavam de animais para moverem as moendas, transportar as mercadorias, alimentar os cativos. As regiões do interior dedicavam-se à criação animal. Essa especialização aumentou a produtividade da economia colonial, integrou o interior à costa e criaram-se, economias não escravistas complementares. Como exemplo dessas economias temos a produção da carne salgada. O Ceará no século XVIII e o Rio Grande do Sul no século XIX foram grandes produtores, respectivamente, de carne-seca e de charque, nomes diferentes para um produto quase idêntico. As carnes salgadas eram um dos principais alimentos dos cativos e dos homens livres pobres (MAESTRI, 1997). A historiadora Sandra Pesavento sintetiza a integração tardia do Rio Grande do Sul ao restante do Brasil:

O Rio Grande do Sul integrou-se tardiamente ao restante do Brasil colonial. Foi descoberto no início do séc. XVI, a partir de expedições litorâneas de exploração e comércio de pau-brasil, típicas da fase pré-colonizadora, que chegaram até o litoral do extremo sul do Brasil. Destas viagens, resultaram registros e descrições da costa gaúcha, assim como a generalização do nome “Rio Grande de São Pedro” para toda a área. Entretanto, a região permaneceu inexplorada por mais de um século, enquanto que no restante a América portuguesa se desenvolviam os engenhos de açúcar. Desvinculado da agricultura colonial de exportação diretamente integrada ao mercado internacional, o rio Grande do Sul carecia de sentido no contexto do processo de acumulação primitiva de capitais que se verificava nos quadros do Antigo Sistema Colonial. (PESAVENTO,1997:7) [grifo do autor]

Alexandre Baguet: “ O curioso”

O belga A. Baguet chega ao Rio Grande do Sul em 1845, após um convite para integrar a equipe de um norte americano a serviço de seu país com a missão de investigar as possibilidades de exploração econômica do Paraguai. Esse convite veio ao encontro das expectativas de Baguet que possuía um grande interesse em conhecer o interior do Império brasileiro e alguns países vizinhos, se tivesse oportunidade. Segundo Baguet, “a perspectiva desta viagem corresponderia tanto mais à minha curiosidade quanto o Paraguai era pouco conhecido e as descrições que dele faziam pareciam-me quiméricas ou, pelo menos, exageradas”. (BAGUET,1997:22) O diário de Baguet é dividido em quatro capítulos e acompanha um mapa assinalando o trajeto até as missões no Paraguai. Em função do objetivo da viagem Baguet conheceu parte da província de São Pedro.

A primeira impressão das terras do sul do Brasil não foi animadora, segundo Baguet:

Não foi sem emoção que deixei o Rio de Janeiro, onde uma estadia de cinco anos tinha-me proporcionado sinceras relações de amizade. O sentimento que eu experimentava não era, porém, a impressão profunda que senti quando pela primeira vez me afastei de meus pais e de minha família, deixando o solo natal. No Brasil eu contava com amigos devotados dos quais ia separar-me por muito tempo e, se fosse de caráter mais impressionável, teria perdido a esperança de os rever, **pois tinhamos descrito os campos do Rio Grande, erroneamente, porém, como um refúgio de bandidos dos quais raramente se escapa.** (grifo nosso) (BAGUET,1977:23)

A descrição de bandidos não se confirmou, mas geograficamente, o viajante achou a província triste e desoladora. A embarcação aportara em Rio Grande ou São Pedro do Sul como era conhecida. A cidade “tem um aspecto muito triste: suas ruas são mal iluminadas, algumas nem são pavimentadas, e não possui nenhum edifício realmente digno de nota”. (BAGUET,1977:29) A cidade de São José do Norte também causou má impressão ao viajante. Ele anotou que, “seu porto (da cidade) outrora muito freqüentado, mas hoje em dia não é mais que uma vila miserável, de aspecto muito triste, na qual, para o lado da campanha, muitas casas já foram invadidas pela areia a ponto de delas não se avistar mais que o teto. (BAGUET,1977:30)

Chegando a Porto Alegre impressão de Baguet mudou muito. Ele ressaltou que a cidade era bem moderna apesar de existir há apenas poucos anos. Ele deu razão às descrições que apontam a cidade como uma das mais pitorescas do Brasil. Baguet conclui o registro sobre sua impressão de Porto Alegre escrevendo:

O ar é tão puro e transparente que avista-se ao longe, a cerca de quinze léguas de distância, a Serra Grande. Eram os primeiros belos prados verdes que eu via depois de muitos anos; se os arredores do Rio de Janeiro são muito arborizados e montanhosos, a grama lá é rala e queimada pelo sol. Aquela vista excitou em minha alma lembranças ao mesmo tempo tristes e doces. Lembrou-me minha pátria, minha família, meus amigos dos quais um mar imenso me separava e dos quais ia afastar-me ainda mais uma centena de léguas. O clima desta região convém perfeitamente aos europeus; aqui não se conhece nem os calores abrasadores do Rio de Janeiro, nem as noites frias de Buenos Aires e a temperatura do verão é bem suportável; também o solo produz ao mesmo tempo as frutas e os legumes da zona tórrida e os da Europa. (BAGUET,1977:34)

A descrição de Baguet possui semelhanças com a de outros viajantes que percorreram a província no mesmo período e elas se aproximam em termos discursivos com a carta de Pero Vaz de Caminha escrevendo a D. João III sobre o achamento das terras brasileiras. Ou seja, encontramos a surpresa, o deslumbramento com o novo, o desconhecido. Também observamos que o ponto de vista do narrador é a sua cultura, a Europa. E foi justamente esse código civilizado/barbárie que determinou o processo de colonização no Brasil colônia e também construiu a imagem do novo mundo para os europeus a partir das narrativas de viagens.

A exemplo do que fará Arsène Isabelle, Baguet também possui uma teoria para a aparente contradição que se revela diante de seus olhos que é a riqueza das terras brasileiras e a estagnação em termos de progresso. Segundo ele o motivo estaria na forma de exploração do Brasil desde o seu período colonial:

Por que o Brasil, que é o mais vasto e um dos mais ricos países da América do Sul e onde a natureza mostrou-se de uma prodigalidade sem par, ficou de certa forma estacionário em meio ao progresso universal? A causa não estará na estreita visão e no egoísmo de seus antigos governantes? Durante trezentos anos os portos do Brasil e estiveram fechados às bandeiras estrangeiras, só sendo admitida a bandeira portuguesa. Era feita uma exceção, todavia para os navios em perigo; mas com que precauções tudo era fiscalizado e controlado pelos funcionários que tinham ordem de não desembarcar o menos objeto! Nos relatórios dos peritos náuticos o governador fixava até o número de dias que um navio podia permanecer num porto em reparos.(BAGUET,1977:37)

Baguet também viaja pelo rio Jacuí, mas ao contrário, do que observará Isabelle, chamou à atenção do viajante os negros escravos ao invés do rio como uma importante rota econômica. Baguet observa o trabalho dos cativos e opina sobre suas manifestações culturais que só ocorrem em momentos de pausa do extenuante trabalho:

Enquanto tomamos nossa refeição, acorados sobre couros de boi, os negros nos distraem com um cato melancólico e monótono no idioma africano. Após o canto eles colocam-se em círculo; dois deles executam uma dança grotesca, acompanhada de contorsões, cambalhotas e estalos da língua ao som da marimba, enquanto o resto do grupo bate o compasso com as mãos. Aos poucos, o movimento se torna mais animado, a dança mais rápida e logo todo o bando toma parte, emitindo gritos e vociferações selvagens: um verdadeiro sabá! (BAGUET,1997:43-44)

Talvez por portar uma carta de recomendação, Baguet é bem recebido nas estâncias o que faz questão de observar demonstrando ao leitor que a província do Rio Grande do Sul pode ser bem acolhedora. Sobre os costumes ele relata:

Chegando numa estância, fica-se a cavalo até a chegada do proprietário ou do capataz (zelador) a quem se pede hospitalidade ou pousada. Ele responde: 'Apea-se' [sic]; a partir deste momento você é seu comensal. Raramente pergunta quem você é, de onde vem; você é seu hóspede e isso é suficiente: pode usufruir de sua hospitalidade durante semanas inteiras. O brasileiro é, em geral, muito hospitaleiro e nesta província, por mais pobre que se possa ser, jamais recusaria-lhe abrigo para a noite e carne à vontade. Um rio-grandense nos disse um dia que, quando se constrói uma habitação, ergue-se primeiro a parte da casa destinada aos viajantes e depois a do proprietário.(BAGUET,1997:50)

Ao chegar no território das antigas Missões dos jesuítas Baguet anuncia que fará apenas um breve resumo dos trabalhos sem a intenção de criticar em aprovar as suas doutrina (dos jesuítas). Afirma que será fiel aos acontecimentos narrando desde a chegada os padres até sua expulsão. Esse depoimento é baseado em historiadores contemporâneos que segundo ele são:

(...) dignos de fé provaram que eles prestaram incontestáveis serviços à América do Sul. Todas as Missões, que eles fundaram com tanta paciência, caridade verdadeiramente cristã e perseverança a toda a prova, prosperavam a olhos vistos. Os índios, seduzidos por sua doçura e pelo ensino das grandes verdades de nossa religião, coverteram-se ao catolicismo, cultivavam a terra e exercitavam suas habilidades, em vez de levar uma vida selvagem e desregrada; em uma palavra, fizeram deles homens úteis a si próprios e à sociedade. Autores que não podem absolutamente ser acusados de parcialidade provaram com evidências que a decadência destes estabelecimentos data da expulsão dos padres.(BAGUET,1997:77)

A principal atividade econômica da província sulina não passa despercebida aos comentários de Baguet. O charque mereceu sua atenção quanto à forma de produção:

Ao longo dos rios, a algumas léguas de Porto Alegre, há muitas Charqueadas, vastos estabelecimentos onde se preparava a carne seca, conhecida pelo nome de charque. É para lá que é levado do interior o gado capturado por meio do laço, procedimento

bastante perigoso, que exige da parte do cavaleiro tanto destreza como sangue frio. Para preparar a carne, cortam-na em mantas que são esfregadas com sal e a seguir postas a secar ao sol sob toalheiros, ficamos impressionados com a quantidade de urubus e aves de rapina que sobrevoam as charqueadas. O chefe de um desses estabelecimentos nos explicou nos seguintes termos os serviços prestados por estes animais geralmente detestados: 'É uma providência para nosso país, disse ele, e ninguém se arriscaria a matar um só destes pássaros: eles nos livram dos dejetos dos animais que matamos aos milhares anualmente. Às vezes a doença leva um grande número por dia e se os urubus não se alimentassem deles nos campos, doenças pestilentas pavorosas não tardariam a aparecer em um país onde o calor é tão forte'.(BAGUET,1997:45)

A exemplo de outros viajantes que estiveram na província, como Nicolau Dreys, Baguet, também, diferenciou o gaúcho do rio-grandense. O viajante belga foi menos preconceituoso do que o francês Dreys. Chegando a São Gabriel foi contratado um guia, que segundo Baguet era,

(...) um verdadeiro gaúcho, um filho puro sangue dos Pampas. Tendo participado durante muitos anos de um grupo de revolucionários, vivera muito tempo somente de carne assada sem tempero, passando as noites ao relento. Como a maior parte de seus compatriotas, era de uma habilidade extrema em lançar o laço, as boleadeiras e o facão. O laço, que tem quinze metros de comprimento, é feito de tiras de couro cru, da grossura de um dedo mínimo, artisticamente trançadas; uma das pontas termina por um anel de ferro bastante grande, que serve para formar o nó corredeiro; e a outra é presa à cilha do recado, à direita do cavaleiro.(BAGUET,1997:62)

Após essas observações sobre o gaúcho e seu trabalho, Baguet e a comitiva de viagem seguem rumo às Missões no Paraguai que eram o objetivo principal da viagem.

Arsène Isabelle: O “aventureiro”

Isabelle chega em Montevideu em 1830 e depara-se com a guerra civil e a morte de seu companheiro de viagem. Portanto seus planos já não são mais os mesmos de antes, ele reduz o trajeto de sua viagem à Montevideu, à Buenos Aires e ao Rio Grande do Sul. Financiando sua própria viagem, inicia a excursão em 9 de Novembro de 1833 em direção ao Rio Grande do Sul iniciando sua viagem por Uruguaiana, seguindo em direção a São Borja. Dessa região segue para o centro do Estado descendo o rio Ibicui até se aproximar do centro da província em Santa Maria continua em direção a capital passando por Cruz Alta, Rio Pardo chegando à Porto Alegre, a partir da capital conhece seus arredores, a colônia de São Leopoldo e por fim destina-se para o Sul da província, já finalizando suas

excursão conhece Pelotas São José do Norte e Rio Grande onde embarca para o Prata em Junho de 1834. Essas são as principais cidades visitadas e o critério de escolha parte das impressões fixadas pelo narrador-viajante ao conhecê-las.

Isabelle realiza uma viagem nas áreas mais urbanizadas da província diferente de Dreys e Saint-Hilaire que procuravam os interiores, Isabelle não teve a mesma facilidade que seus compatriotas franceses pois não era conhecido com foi o caso de Dreys que vivera por dez anos nessa região e também por não possuir uma portaria ou documento que facilitava a aquisição de alimentos, animais e estadia nas estâncias como foi o caso de Saint-Hilaire.

Esse viajante faz duras críticas aos portugueses e jesuítas, traz consigo da França idéias liberais e democráticas. Isabelle manifesta-se dessa forma, sem a preocupação de medir as palavras, pois goza de uma certa liberdade, não se preocupando em prejudicar as relações entre França e Brasil visto que veio por conta própria, financiando sua viagem. Ao contrario Saint-Hilaire vem com uma Missão Oficial, financiada pela França e subsidiada logisticamente pelo Brasil e Dreys que era comerciante e tinha ligações com o Império, estando eles submetidos ao Estado brasileiro direta ou indiretamente. Essa “liberdade” faz toda a diferença na construção da narrativa do diário inferimos que Isabelle possui um olhar até certo ponto descomprometido, uma vez que veio movido pelo desejo de aventurar-se em terras desconhecidas.

A respeito da sociedade, seu primeiro comentário sobre a população é de que os brasileiros são menos empreendedores e trabalhadores que os orientais, segundo ele os moradores possuem pouca tecnologia para se protegerem das intempéries do clima, dá um exemplo das chuvas que provocam enchentes transbordando os rios e alagando os vilarejos e impossibilitando a locomoção dos moradores ou de quem ali estiver nesse momento.

Na estância de S. Marcos é bem recebido garantindo-lhe boa recepção e uma excelente refeição, pois acreditava que eram comerciantes, mas logo veio a frustração ao descobrir que não estavam ali para negociar coisa alguma: (...) tomando-nos por negociantes tinha esperanças de fazer alguma transação vantajosa, e seu desapontamento foi bastante quando soube que nós éramos “apanhadores de bichinhos”. (ISABELLE, 1983:15). Procurava esse estancieiro, tabaco açúcar entre outros produtos que não tinha a disposição por causa das inundações que impossibilitava-o de buscar na cidade Alegrete.

Ao chegar em Itaquí Isabelle observa que os moradores da localidade não compreendiam os motivos de sua viagem, alguns acreditavam que eram bispos, outros espiões franceses ou enviado de D. Pedro, mas a maioria segundo ele acreditavam que eram loucos. Esse local, Itaquí, já fora passagem de outros viajantes, em tempos anteriores a de Isabelle. Ele passa dois meses nas missões, durante esse período ele faz uma descrição espacial e arquitetônica no local, considera que o complexo missionário corresponde a um plano de organização semelhante, portanto o viajante contenta-se a descrever uma missão, pois essa daria uma idéia geral das restantes.

Sobre os padres jesuítas, Isabelle não vê com bons olhos sua presença e seus feitos na região, ao contrário de seus dois compatriotas, esse viajante identifica instrumentos de dominação dessa ordem religiosa sobre os guaranis, que buscavam um certo amparo ou proteção contra os portugueses e espanhóis, tomado de indignação, relata:

(...) vendo todos os santos de tamanho natural, cujo olhos móveis nas órbitas estavam destinados a verterem sangue! Ao passo que outros santos tinham por missão especial fazerem sinais negativos ou afirmativos com a cabeça ou a mão! (...) Oh! Estupidez dos povos, vossos confesores tem razão de fazer da curiosidade um crime! Continuai, bons povos, continuai deixando vos atirar pó nos olhos... (...) os selvagens eram atraídos menos pela mercê do cristianismo, do qual eles nada compreendiam, que pela perspectiva de achar asilo contra os rigores dos espanhóis, e sobre tudo contra a crueldade dos portugueses, que lhes davam caça como a cães para enviá-los à morte nas minas, depois de os ter batizados. (ISABELLE, 1983: 20)

Isabelle lança um olhar sobre região missionária em geral relatando as existentes no Paraguai, Corrientes que já não existem mais e as do Rio Grande do Sul que se encontram destruídas. Diz ser, esse, um Estado teocrático não passando de uma grande casa de teatro, usa da ironia para ser mais enfático a respeito da conveniência que foram os jesuítas e dos proveitos que adquiriram diante os nativos da América:

Todos os trabalhos, mesmo os mais penosos, faziam-se ao som das flautas e do tambor! Que poético! Imaginem bem, trinta mil índios dançando e trabalhando diariamente ao som da flauta perante os bons padres que não faziam nada"...
(...) – Eis o que se chama conhecer a Bíblia (ISABELLE, 1983: 22)

O viajante continua a reflexão, colocando os guaranis como meros instrumentos dos jesuítas, construindo boas casas trabalhando com o gado e na lavoura enfim enriquecendo-os. Das missões, Isabelle desloca-se em direção a Serra do Boqueirão de Santiago. Nesse local, identifica nos moradores, pessoas trabalhadoras, mas pouco empreendedoras,

vivendo precariamente do gado e da agricultura de subsistência com o cultivo de milho, mandioca e melancia. Observa que nas regiões onde há uma cobertura vegetal mais significativa, encontram-se alguns mamíferos silvestres, no caso dos bugios e coatis. Esses servem como recursos para os negros: “Os negros de Porto Alegre vendem, por quase nada, belas peles desses animais, assim como os bugios”. (ISABELLE, 1983:28).

Sobre as paradas desse viajante nas estâncias e seu acolhimento, observamos que os estancieiros não negam auxílio, mas também não há uma proximidade com a família que o está hospedando. Também não lhe é oferecido o mesmo conforto que recebeu Saint-Hilaire e Dreys que em quase todas as paradas tiveram um excelente convívio com o dono das terras, já para Isabelle:

Na maioria das estâncias ou fazendas há um rancho aberto, sem outro móvel que um barril ou uma talha de água, um chifre, um banco ou dois, e, raras vezes de lona estiradas, feita com correias de couro não curtidas: é o que os brasileiros chamam casa dos hóspedes.

(...) Fazem passar o viajante à casa dos hóspedes e lá é servido por um negro ou índio, sem se comunicar mais com a família do fazendeiro ou do estancieiro.(ISABELLE, 1983:35)

É possível que esse distanciamento dos moradores locais esteja vinculado ao seu modo de viagem, pois como vimos ele não possuía uma portaria do governo, desta forma o hospedeiro não destinava muita atenção, como destinou para os outros.

Isabelle fica impressionado com a movimentação do rio Jacuí onde os viajantes e principalmente os comerciantes com seus produtos atravessam o rio fazendo desse percurso uma importante rota econômica. Reflete dizendo que a cena é merecedora de um caricaturista ou um escritor espirituoso para narrar com propriedade da cena que se desenrola. A diversidade étnica e as tonalidades da cor da pele desses homens leva o viajante a fazer a seguinte anotação:

As roupas ou atavio dos viajantes nacionais e estrangeiros, a mistura de figuras negras, brancas cor de cobre, de azeitona, e amulatadas; os remadores mestiços ou índios que acompanhavam tropas de animais, estes arrastados pela corrente e aqueles fazendo incriveis esforços para reunir bois ou impedir que as carretas se afundem;

(...) Tudo isso é apenas o esforço de um quadro muito animado bem digno de prender a atenção do observador,(ISABELLE, 1983:42)

Essa descrição nos dá uma noção da diversidade étnica dos habitantes do Rio Grande do Sul do século XIX e das formas de transportes e passagens nos rios. Sobre essas

passagens julga ser perigosa não isentas de desastres. O viajante identifica uma característica social da província que leva a uma estagnação econômica que são as grandes porções de terras concentradas em mãos de poucas famílias. Essas porções de terras são obtidas através de doações ou compra de seus vizinhos menos abastados, eliminando desta forma qualquer concorrência infortuna: “conclui-se facilmente, que essa repartição de uma grande extensão da região nas mãos de um só indivíduos ou de uma só família; deve retardar consideravelmente o progresso da população”. (ISABELLE,1983: 43) Continua seu raciocínio a esse respeito dizendo que a população do Rio Grande não passa de sessenta mil em mais de duzentos anos.

Embora a análise do viajante esteja “correta”, sobre os latifúndios, Isabelle não observa, talvez por desconhecer, a conjuntura histórica que encontrava-se a província de São Pedro diante o Brasil Império e nem o passado que vivera essa região. Ele ainda menciona que as áreas próprias para a agricultura estavam e continuariam por muito tempo a ocupadas por bois, cavalos, mulas e outros animais. Sendo que as poucas práticas agrícolas eram somente destinadas para a subsistência.

Segundo Isabelle, a ganância de poucos às custas das necessidades de muitos deixou a província carente de estrutura básica. As travessias dos rios descrita acima, eram perigosas além provocarem alguns desastres ocasionando prejuízo com a perda de boa parte das mercadorias que tivessem a má sorte de serem conduzidas em épocas de cheia ou por pessoas inexperientes. Isabelle julga essa limitação empreendedora dos brasileiros por serem dotados de pouca educação, preguiça, e indolência, isso limitava-os nas inovações tecnológicas impedindo de inovar, segundo ele somente o estrangeiro poderia dar o exemplo:” (...) a preguiça e a indolência dos naturais são um obstáculo a qualquer espécie de inovação útil; seria necessário que os estrangeiro dessem o exemplo”. (ISABELLE, 1983:46). Isabelle manifesta seu “preconceito” em relação a vida que levam aos brasileiros, é natural que o faça, pois seus parâmetros de análise vem de uma outra conjuntura política economia e social, onde os avanços tecnológicos e industriais estavam longe dos encontrados aqui. Ainda sobre o caráter desses homens do Rio Grande observou:

Mas não é fora das cidades, onde a educação dos homens se limita a saber laçar e bolear animais com destreza, domar um cavalo e montá-lo com graça; vêem com inquietação esses homens meio selvagens que os estrangeiros os obrigam a sair de seus gêneros de vida rústica para porem-se ao nível da civilização ou ao menos para procurá-lo.(ISABELLE, 1983: 47)

Essa observação assemelha-se muito a descrição feita por Saint-Hilaire sobre os homens do campo e suas qualidades, escrevendo que esses não sabem fazer outra coisa há não ser lidar com os animais. Isabelle faz uma breve observação a respeito dos portugueses que promoveram um certo isolamento de suas colônias: “ressentem-se, ademais, do espírito desconfiado e sombrio dos portugueses que durante tanto tempo conservaram as suas colônias fechadas para as nações estrangeiras”. (ISABELLE, 1983: 47)

Ao se aproximar de Rio Pardo, Isabelle percebe que as chácaras são mais bem cuidadas e prósperas, menciona o cultivo de milho, algodão, mandioca fumo e poucos legumes. Faz uma descrição da localização da cidade, da arquitetura que julga ser graciosa e menciona a existência de uma ponte, segundo ele construída em 1825 por prisioneiros argentinos, diz que essa não durará muito tempo devido as enchentes e ao emprego dos materiais que utilizaram na construção. Comenta que Rio Pardo é um importante ponto de comércio, pois sua posição geográfica favorece essa situação ligando o interior a capital: “O comércio é próspero, porque este ponto é o armazém de abastecimento das cidades e vilas do norte e oeste; dali partem continuamente tropas de mulas e carretas para todas as povoações do interior. As comunicações com Porto Alegre são muito rápidas”.(ISABELLE, 1983: 52) Este entreposto comercial permaneceu até a chegada das ferrovias, pois essa última deslocou para Santa Maria a ligação do interior com a Capital da província.

Seu primeiro comentário sobre Porto Alegre é que é uma cidade pitoresca, na verdade, ele a elegeu como a cidade mais pitoresca do Brasil. Isabelle ressalta que: “Humanizemo-nos e tratemos de descrever, mesmo de maneira vulgar, o pitoresco de uma cidade do Brasil cujo nome, certamente feliz, está longe de dar uma verdadeira idéia”. (ISABELLE,1983:56). Mas aos poucos ele vai simpatizando com a cidade, identificando na arquitetura local uma simplicidade e graça.

Sobre a relação de poder entre homens e mulheres, principalmente entre os casais, o viajante diz que esses homens são muitos ciumentos e procuram manter suas mulheres distantes das relações sociais: “(...) aborrecidos maridos, que se poderiam chamar de tiranos domésticos, espécie de Argos vigilante que, não contentes com mantê-las na mais vergonhosa ignorância, as confinam ainda, como escravas do Himeneu, numa peça do fundo da casa...”.(ISABELLE, 1983:59) Diz ainda, que não é com facilidade que um estrangeiro consegue ser fazer presente entre as famílias dos brasileiros, depois de um certo tempo de convivência provando que possui boa conduta as portas são abertas. Segundo

Isabelle um estrangeiro ou quem quer que seja, jamais deve trair esses homens ciumentos e desconfiados, pois a revolta pode ser grande: “Desgraça! Catástrofe! Para aquele que traísse a confiança dos brasileiros. Uma sova de madeira verde seria o mínimo de pena, devida pelo abuso da desconfiança”. (ISABELLE, 1983: 60)

A respeito da beleza ou graciosidade das mulheres Isabelle informa que : “Conheci alegres, lindas amáveis e... diria graciosas mulheres”. (ISABELLE, 1983: 60) Mas, as reuniões freqüentada por Isabelle na capital, são consideradas por ele desagradável e nada animadas:

(...)as reuniões de homens, reuniões que achei muito tristes e freqüentemente insípidas, para não dizer desagradáveis.

Oh, Voltaire! Oh, Legiouvé! Oh, Madame de Stael! Por vossa eloqüência respostas às sátiras tão justas...(ISABELLE, 1983: 60).

Isabelle, não nega sua origem francesa e o gosto pela moda ao analisar as vestimentas femininas observa que essas mulheres com as cores muito vivas misturando muitos adereços já envelhecidos, uma alegoria: “Um chapéu dura uma eternidade, a moda que maravilham no Brasil são antiquadas há mais de seis anos em nossa terra. Vi enormes chapéus de esparteira e tafetás, sobrecarregados de laços de fita. Casacas enormes, vestidos vermelhos e outras monstruosidades semelhantes”.(ISABELLE, 1983: 64) As mulheres que habitam o campo vestem-se para as viagens de maneira apropriada para andar a cavalo, segundo ele são vaidosas e cultivam ares de grandeza, as mais abastadas quando a sorte as favoreceu, parecem-se: ”Quando as favorecidas pelas sorte parecem-se muito com as nossas grandes e poderosas damas da velha nobreza do campo”.(ISABELLE, 1983:65)

A respeito da vestimenta dos homens ele não tece grandes comentários, mas aponta que esses, se vestem melhores que as mulheres, não ostentam muito luxo, mas sua indumentária é mais rica que os gaúchos argentinos:

O traje dos homens do campo é mais rico do que o dos gaúchos argentinos e orientais, consiste em grandes botas, uma larga calça de veludo azul, um jaqueta de pano azul um amplo casaco de pano e um grande chapéu de abas largas levantadas do lado e atado sob o queixo por um grande cordão terminado em duas bordas. (ISABELLE, 1983: 65)

Um acontecimento social que Isabelle testemunha foram as festas e procissões de igreja. O viajante assinala que as igrejas são pouco freqüentadas e exibem pouco luxo, mas as festas promovidas por elas são celebradas com grande fervor e a cidade é pintada de cores não comuns em dias normais:

As festas do Espírito Santo (Pentecostes) celebram-se com poupa, como nos tempos do concílio de Trento. As sacadas são guarnecidas de ricos tapetes de seda bordados com franjas de ouro; as confrarias azuis sucedem-se às vermelhas, estas as brancas e estas às cinzas. (ISABELLE, 1983: 64).

Nessa mesma descrição esse francês aproveita a oportunidade para mostrar seu anti-clericalismo, usando da ironia mais uma vez ele descreve: “(...) durante três dias, vendem-se publicamente, ao lado da igreja, rosários, escapulários, galinhas, assadas, pasteis licores cores etc... Viva Roma!!”. (ISABELLE, 1983:65)

Concluindo as observações sobre as festas religiosas e a igreja, Isabelle passa a descrever o ativo comércio de Porto Alegre, com diversas embarcações e suas origens, diz que há barcos nacionais e estrangeiros chalanas e pirogas que cumprem e função de estabelecer uma ligação, entre capital e interior. Dedicando, ele, algumas frases ao comércio francês dando conselhos e indicando adaptações para ter maior sucesso na Província:

Não havia, durante a minha estada, senão três casas francesas em Porto Alegre; uma única fazia comercio direto com a França; uma outra obtinha os artigos franceses em Buenos Aires , Rio de Janeiro. A terceira mantinha um amplo comercio com os Estados Unidos(...).

Vê-se de tempo em tempo, alguns navio franceses vindo de Marselha ou de Bordéu, mas é raro que faça bons negócios, porque o carregamento é péssimo, com artigos de mau gosto, inadequados e não convenientes a este ponto do pais.

É de Marselha que saem os mais extravagantes embarques, os piores calculados...(ISABELLE, 1983: 67,68)

Segundo ele o gosto dos habitantes da província em termos de compras é diverso. Ressalta que um relato minucioso não seria digno de fidelidade para retratar a totalidade das preferências mistas:

(...) O gosto dos habitantes da Província do Rio Grande do Sul seja de alguma maneira misto: Amostras, modelos ou de medidas porque as melhores notas, os detalhes mais minuciosos dariam apenas uma idéia imperfeita do gosto e da exigência dos habitantes. (ISABELLE, 1983: 68)

Isabelle, ao descrever o comércio, não deixa de alertar para um melhor desempenho que um comerciante teria na capital atendendo às diversas preferências dos habitantes locais. Faz essa observação porque sua obra foi dedicada aos comerciantes do Rio Grande do Sul, indicando um mercado, consumidores como possibilidades de contatos de ordem econômica.

A viagem de Isabelle ocorre às vésperas da revolta farroupilha, ele não deixa de comentar os ideais políticos dos revolucionários. Apresenta os dois partidos existentes e seus objetivos diversos: “(...) estão divididos em dois partidos: os Caramurus compreendendo os simpatizantes do governo monárquico e Farroupilhas ou sans culottes, simpatizantes do governo republicano”. (ISABELLE, 1983: 62) Segundo ele este último encontram-se em dissidência, uns querendo uma forma unitária e outros federativas, mas pela falta de patriotismo e a necessidade de atender as vontades de uns limitam esse objetivo: “(...) aqui o egoísmo, filho legítimo da ignorância e das pequenas paixões, substitui o patriotismo”. (ISABELLE, 1983: 62).

Ao contrário de seus compatriotas, Isabelle não identifica uma unidade, um patriotismo entre os habitantes da província. É verdade que as viagens ocorrem em tempos diferentes. O que Isabelle testemunhou, não foi mesmo que Dreys e Saint-Hilaire presenciaram a respeito da política local. Mas Isabelle não vê um patriotismo nem nos farroupilhas. O viajante teme uma anarquia que segundo ele, pode durar muito tempo, devido à falta de uma educação política entre os habitantes da província. Relata que isso não passa de uma *ignorância grossa*.(grifo do autor)

Sobre os escravos da província do Rio Grande, Isabelle faz uns poucos comentários, segundo ele, há negros trabalhadores que vivem entre os brancos na Argentina e na Banda Oriental, enquanto no Brasil estes estão condenados aos mandos e aos mal tratos de seus senhores que ainda praticam o tráfico de escravos, segundo ele os homens que se dizem civilizados estão longe de ser. A rudez dos senhores com seus escravos deixa o viajante intrigado, o mau trato e a indiferença são à base dessa relação. Segundo ele, os castigos acompanhados de açoites passam a ser um espetáculo para os senhores e os não escravos:

(...) o senhor e a senhora vem com grande alegria no coração, para ver como são os flagelos até verterem sangue...

Feliz ainda o desgraçado negro, se seu senhor ou sua senhora não tomam eles mesmo, uma corda, relho, pau ou barra de ferro e não batem com furor brutal, no corpo do escravo, até que pedaços solto da pele deixem correr sangue sobre seu corpo inanimado. Porque geralmente se carrega o negro sem sentido para curar seus ferimentos; sabeis com que? com sal e pimenta, sem dar-lhe mais cuidado do que o que se presta a um animal, atacados de feridas, e que se quer preservar dos vermes. (...) Um negro condenado a duzentos, quinhentas, mil, seis mil fustigadas de relho.(ISABELLE, 1983: 68, 69)

É possível que a quantidade de fustigadas com o relho estejam um pouco exageradas, mas essa descrição pode nos mostrar a brutalidade dos senhores em relação a seus escravos e o descaso por ele. Isabelle não admite tal situação, pois, não muito distante dali, na região da província Prata já não se presencia essa cena e muito menos na França, dessa forma passa a questionar na civilidade dos brasileiros.

Quando o viajante chega a Colônia de São Leopoldo fica verdadeiramente admirado com o nível de desenvolvimento do lugar, desenvolvimento esse analisado por ele. Faz uma apologia à colônia, colocando os colonos como os únicos habitantes da Província que poderão ter sucesso nos seus negócios e possuidores de uma vida social e cultural de causar inveja aos portugueses. Logo que Isabelle chega a São Leopoldo, começam os adjetivos positivos à colônia alemã, coloca que as condições ambientais, foram um obstáculo difícil e penoso de vencer. Posiciona-se desta forma para engrandecer ainda mais a população de origem alemã e inferiorizando os luso-brasileiros, estabelece uma comparação com as áreas cultivadas na colônia em relação as áreas rurais da Província:

Pensamos estar na Alemanha. Não pude evitar, avista desta povoação européia, um sentido de admiração, porque em primeiro lugar, fui surpreendido pelo contraste que ofereciam esses lugares, cultivados com cuidado, estes caminhos, abertos penosamente através das colinas, morros e matos, estas pequenas propriedades, rodeadas de fossos, profundos ou sebes viva .

O abandono absoluto em que os brasileiros deixam suas terras, o mal estado de suas estradas, suas choupanas estragadas, enfim essa falta de atividade, esse espírito de desperdício e de destruição que os caracteriza tão bem quanto os argentinos.(ISABELLE,1983: 72).

O viajante não tem o objetivo de analisar o processo de imigração que se deu na Província e nem com quais objetivos esses imigrantes chegaram aqui, portanto não faz uma reflexão mais profunda da conjuntura política, econômica, social e cultural da região, não permitindo ao leitor observar como esse novo ator social vai se integrar a essa nova sociedade. A colônia de São Leopoldo está cumprindo os objetivos traçados pelo Governo Imperial. Sediados naquela região não por escolha própria como ele apresenta, cumprem ali as funções de povoar a região, estimular a agricultura e explorar outras profissões que até então estavam estagnadas, ou nem existiam. Receberam essas terras que eram indesejadas pelos latifundiários, pois as terras mais lucrativas eram as da região da charqueada e das estâncias. Outro aspecto importante a ser ressaltado é que o imigrante vinha do mesmo

continente que esse viajante, portanto era possuidor, “grosso modo”, dos mesmos valores e princípios que Isabelle.

O viajante não observa um conjunto maior de fatores a respeito da colônia de São Leopoldo, apenas colocam esses homens como os únicos capazes de salvar o país do caos deixado pelos portugueses. Isabelle exalta o europeu, como um homem vencedor que domina a natureza selvagem produzindo tecnologia necessária para livrar-se dos obstáculos impostos por essa natureza e suas condições climáticas. Menciona a quantidade de casas e profissões existentes na colônia, indicando que é um bom lugar para ter negócios:

(...) Os alemães não recuam a nenhum obstáculo e a palavra impossível não tem mais equivalente na sua língua do que a nossa ocupam-se pôr outro lado, diariamente em levantar os terrenos, ou secar pântanos e desviar as águas que alimentam esses terrenos.

Havia, então em S. Leopoldo, perto de cento e cinqüenta casas de madeira e tijolos, contendo uma população de mil almas, que deve aumentar progressivamente, pois encontrava com apenas cinco anos de fundação.

É habitada principalmente por artesões alemães, tais como marceneiros, ferreiros, fabricantes de carroças, sapateiros, alfaiates, seleiros, funileiros, etc, e por negociantes que são taberneiros, marceiros, alborcadores, tanto alemães como de outros países; havia muitos comerciantes franceses, fazendo aliás, bons negócios (ISABELLE, 1983:73)

Nas últimas paginas de sua obra, Isabelle faz uma descrição da província em geral. Pontuando a origem do nome, seus limites geográficos e sua área, suas comarcas e seus distritos e faz uma observação da boa condição climática, convenientes para os europeus. Compara brevemente as exportações do Rio Grande do Sul com Buenos Aires e Montevideú. Apresenta a província aos homens de negócios, mostrando um crescimento rápido da população, mostra também a pretensão do governo brasileiros em proteger as sociedades estrangeiras e nacionais com fins comerciais e de colonização. Assinala que os brasileiros são trabalhadores, hospitaleiros e amigos das instituições livres, embora continuem com a mão de obra escrava.

È importante ressaltar que na leitura dos diários de viagem a realidade é percebida de forma diferente pelos dois viajantes europeus. O ponto de vista da narração é exterior, ou seja, europeu. Cultura desenvolvida, economia assentada na mão de obra livre, padrões científicos norteiam o conhecimento essas questões somadas aos objetivos de viagem que

são diferentes, para os dois autores, podem ser percebidas na escritura do texto. Arsène Isabelle e Alexandre Baguet se aproximam partilhando do mesmo estranhamento de uma província rica em termos econômicos mas pouco desenvolvida em função do projeto de colonização português a questão da mão de obra escrava. Acreditam que a imigração alemã fará o diferencial na província, pois essa laboriosa gente de origem européia, com vontade de trabalhar trouxe consigo não só a civilização como o desenvolvimento econômico.

A palavra e o discurso vão construindo, assim, a idéia do outro, as paisagens, as possibilidades de exploração econômica, os obstáculos e aventuras da viagem. Os narradores-viajantes interferem na narrativa, opinam, estabelecem comparações a partir de sua cultura e vão com isso criando também uma identidade para um Brasil que procura assentar as bases de seu Estado Nacional. Baguet e Isabelle não deixam de ser historiadores, pois em suas narrativas o discurso historiográfico é também construído. É importante ressaltar que a construção da história brasileira ainda estaria por vir, ela iniciaria com Adolfo Varnhagem e a criação do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro em 1850.

BIBLIOGRAFIA

- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária**. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.
- DIAS, J.S. **Os descobrimentos e a problemática cultural do século XVI**. Lisboa: Presença, 1985.
- ISABELE, Arsène. **Viagem ao Rio Grande do Sul. (1833-1834)**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983.
- MAESTRI, Mário. **Uma história do Brasil. Império**. São Paulo: Contexto, 1997.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. 8º ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997. (Série Revisão,1).
- BAGUET, A. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; Florianópolis: PAROLA, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **História geral da civilização brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993. vol Império. Tomo 2.

- NEVES, Luiz Felipe Baêta. **O combate dos soldados de Cristo na terra dos papagaios. Colonialismo e repressão cultural.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978.
- PÊCHEAX, Michel. **Hacia el analisis automático del discurso.** Madrid: Gredos, 1975.
- POZENATO, José Clemente. **Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural.** Caxias do Sul: EDUCS, 2003. (Coleção Identidade e Cultura).
- QUINTANEIRO, Tânia. “Sobre viagens e viajeros” IN: **Retratos de mulher: a Brasileira vista por viajeros ingleses e norte Americanos durante o século XIX.** Pertópolis, RJ: Vozes, 1995.
- VASCONCELOS, Sandra. Independência e dependência. As viagens de Maria Graham no Brasil. IN: AGUIAR, Flávio.(org.) **Gêneros de fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário.** São Paulo: Xamã, 1997.
- KALIMAN, Ricardo J. **La palabra que produce regiones. El concepto de región desde la teoria literária.** Programa Tucumán em contexto de los Andes Centromeridionales, Documento de trabajo n.3, Universidad Nacional de Tucumán,1994.

